

Ameaças rondam a sucessão

Haroldo Hollanda

Sucessão presidencial no Brasil sempre foi sinônimo de crise. E a presente não pretende fugir à regra. Poderíamos muito bem ter escapado ao tumulto em que pode de uma hora para outra se transformar a presente sucessão presidencial, se outro tivesse sido o comportamento político do Presidente Figueiredo, na fase que precedeu a realização da Convenção Nacional do PDS. Havia naquela ocasião clima e receptividade por parte inclusive das Oposições para receber e acatar no Colégio Eleitoral um candidato do PDS que merecesse a aprovação geral da Nação brasileira, dentro de um grande acordo, capaz de permitir a rápida normalização da vida política nacional, sem traumas de maior natureza.

Poderia se alegar que esse candidato natural à Presidência da República poderia ter sido o Vice-Presidente Aureliano Chaves, mas a incompatibilidade criada no seu relacionamento pessoal com o Presidente Figueiredo inviabilizou a solução representada pelo seu nome. Mas nada disso invalida a tese central e dominante do nosso raciocínio. Se Figueiredo não queria Aureliano, pelas razões por todos conhecidas, ainda assim ele poderia ter tentado outras soluções que lhe estavam à mão, como a do Ministro Passarinho, a do General Ruben Ludwig, a do Ministro Leitão de Abreu ou mesmo a do deputado Nelson Marchezan. Houve fase anterior à realização da Convenção do PDS que as Oposições se dispunham até a aceitar a prorrogação do mandato do Presidente Figueiredo, desde que esse ato representasse promessa formal e irretratável de normalização da atividade política nacional. Mas o pouco gosto e vocação do Presidente Figueiredo pelos assuntos de natureza política deixaram que os acontecimentos seguissem desordenadamente o seu curso natural, sem que o Palácio do Planalto influísse neles de forma decisiva.

Chegamos agora a uma etapa do processo político em que as cartas ameaçam perigosamente se embaralhar, gerando fantasmas de impasses que a grande e esmagadora maioria da população não pretende ver caracterizado. Afinal de contas, desde o Governo Geisel, quando a censura à imprensa foi levantada, que se percorreu longo e penoso caminho, marcado é certo por avanços e recuos. No entanto, os progressos políticos registrados são por todos reconhecidos, desde a Anistia até à realização das eleições diretas dos governadores em 1982. E ao Presidente Figueiredo, malgrado os erros e omissões que possa ter praticado na condução dos acontecimentos, não pode a Nação brasileira deixar de testemunhar e

manifestar agradecimentos pelos serviços públicos por ele prestados objetivando a consolidação do seu projeto de abertura política.

Em conversas informais, temendo o pior, há quem ainda julgue como possível capaz de evitar o impasse que nos ameaça uma solução conciliatória para o problema da sucessão presidencial, com a retirada das duas candidaturas já postas no tabuleiro das decisões. Muitos julgam que a esta altura, faltando pouco mais de três meses para a reunião do Colégio Eleitoral, não há mais como evitar o desfecho final dessa disputa entre Paulo Maluf e Tancredo Neves. Lembra-se, a propósito, que isso só poderia ocorrer com um ato de um força, o que é inadmissível. O deputado Paulo Maluf jamais relutou um só momento em dar continuidade à batalha em que se lançou como candidato à sucessão presidencial, desde o início da jornada. Da sua parte, o ex-governador Tancredo Neves, para servir às Oposições e aos grupos dissidentes do PDS, dispõe-se a renunciar a um dos mais importantes governos estaduais, o de Minas Gerais, para apresentar-se como candidato à Presidência da República.

No entanto, há os que confiam no espírito de renúncia tanto de Maluf como de Tancredo, os quais colocados diante de apelos dramáticos, feitos em favor da pacificação da família política brasileira, não teriam como recusá-los, sob pena de receberem a reprovação geral. O problema seria encontrar um nome que atendesse às conveniências tanto de Maluf e Tancredo como dos grupos que os apóiam. Sonho de uma noite de verão? Mas há ainda quem julgue isto como possível e provável, neste embaraçado e denso matagal de espinhos em que se transformou a sucessão presidencial brasileira.